

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Hermenêutica da suspeita e da afirmação: um estudo sobre a produção de sentidos a partir do filme o agente secreto em interação com a inteligência artificial e suas implicações educacionais

Rogério de Almeida

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15091>

Submetido em: 2026-02-12

Postado em: 2026-02-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4166-9942>)

ARTIGO

HERMENÊUTICA DA SUSPEITA E DA AFIRMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DO FILME *O AGENTE SECRETO* EM INTERAÇÃO COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

ROGÉRIO DE ALMEIDA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6720-1099>

[<rogerioa@usp.br>](mailto:rogerioa@usp.br)

¹ Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

RESUMO: O artigo investiga os processos de produção de sentidos a partir do filme *O Agente Secreto* (2025), de Kleber Mendonça Filho, tomando como disparador uma interação equivocada inicial entre o autor e o ChatGPT. A partir desse erro interpretativo – no qual a Inteligência Artificial (IA) atribui ao protagonista um papel que o filme deliberadamente recusa –, o texto propõe uma reflexão hermenêutica sobre como sentidos se constroem, se estabilizam e podem ser colocados em suspeição. Metodologicamente, adota-se uma abordagem hermenêutico-experimental, na qual a interação com um modelo generativo de linguagem é compreendida como evento interpretativo concreto, capaz de evidenciar atalhos cognitivos, arquétipos e vieses estatísticos mobilizados na produção de narrativas. O artigo articula essa experiência à tradição hermenêutica, especialmente à hermenêutica da suspeita em Paul Ricoeur, dialogando com Nietzsche e com a possibilidade de uma hermenêutica da afirmação, vinculada ao *pátbei máthos* e à formação pela experiência. A distinção entre *máthema* e *pátbei máthos* possibilita a problematização dos limites da IA na produção de sentidos, enfatizando que, embora capaz de simular narrativas e revisá-las, a IA não participa da dimensão existencial e formativa da experiência humana. Conclui-se que tanto o filme quanto a interação com a IA funcionam como dispositivos pedagógicos que convidam à suspensão de crenças, à desconfiança de sentidos impostos e à afirmação da experiência como fundamento da formação humana.

Palavras-chave: filosofia da educação, cinema e educação, hermenêutica da suspeita, hermenêutica da afirmação, inteligência artificial.

HERMENEUTICS OF SUSPICION AND AFFIRMATION: A STUDY ON THE PRODUCTION OF MEANING FROM THE FILM *THE SECRET AGENT* IN INTERACTION WITH ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND ITS EDUCATIONAL IMPLICATIONS

ABSTRACT: This article investigates processes of meaning-making prompted by the film *The Secret Agent* (2025), directed by Kleber Mendonça Filho, taking as its point of departure an initial mistaken interaction between the author and ChatGPT. From this interpretive error—wherein Artificial Intelligence (AI) assigns the protagonist a role that the film deliberately refuses—the text advances a hermeneutic reflection on how meanings are constructed, stabilized, and may be placed under suspicion. Methodologically, the study adopts a hermeneutic-experimental approach in which interaction with a generative language model is understood as a concrete interpretive event, capable of revealing cognitive shortcuts, archetypes, and statistical biases mobilized in the production of narratives. The article connects this experience to the hermeneutic tradition, especially Paul Ricoeur’s hermeneutics of suspicion, in

dialogue with Nietzsche and with the possibility of a hermeneutics of affirmation, linked to *pathei mathos* and formation through experience. The distinction between *mathema* and *pathei mathos* enables a critical examination of AI's limits in the production of meaning, emphasizing that, although capable of simulating narratives and revising them, AI does not partake in the existential and formative dimension of human experience. The article concludes that both the film and the interaction with AI function as pedagogical dispositifs that invite the suspension of beliefs, distrust toward imposed meanings, and the affirmation of experience as a foundation of human formation.

Keywords: philosophy of education, cinema and education, hermeneutics of suspicion, hermeneutics of affirmation, artificial intelligence.

HERMENÉUTICA DE LA SOSPECHA Y DE LA AFIRMACIÓN: UN ESTUDIO SOBRE LA PRODUCCIÓN DE SENTIDOS A PARTIR DE LA PELÍCULA *EL AGENTE SECRETO* EN INTERACCIÓN CON LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y SUS IMPLICACIONES EDUCATIVAS

RESUMEN: El artículo investiga los procesos de producción de sentidos a partir de la película *El Agente Secreto* (2025), de Kleber Mendonça Filho, tomando como disparador una interacción inicial equivocada entre el autor y ChatGPT. A partir de ese error interpretativo—en el cual la Inteligencia Artificial (IA) atribuye al protagonista un papel que la película deliberadamente rehúsa—, el texto propone una reflexión hermenéutica sobre cómo los sentidos se construyen, se estabilizan y pueden ponerse bajo sospecha. Metodológicamente, se adopta un enfoque hermenéutico-experimental, en el que la interacción con un modelo generativo de lenguaje se comprende como un acontecimiento interpretativo concreto, capaz de evidenciar atajos cognitivos, arquetipos y sesgos estadísticos movilizados en la producción de narrativas. El artículo articula esta experiencia con la tradición hermenéutica, especialmente con la hermenéutica de la sospecha en Paul Ricoeur, dialogando con Nietzsche y con la posibilidad de una hermenéutica de la afirmación, vinculada al *pathei mathos* y a la formación a través de la experiencia. La distinción entre *mathema* y *pathei mathos* permite problematizar los límites de la IA en la producción de sentidos, subrayando que, aunque sea capaz de simular narrativas y revisarlas, la IA no participa en la dimensión existencial y formativa de la experiencia humana. Se concluye que tanto la película como la interacción con la IA funcionan como dispositivos pedagógicos que invitan a la suspensión de creencias, a la desconfianza frente a sentidos impuestos y a la afirmación de la experiencia como fundamento de la formación humana.

Palabras clave: filosofía de la educación, cine y educación, hermenéutica de la sospecha, hermenéutica de la afirmación, inteligencia artificial.

INTRODUÇÃO

O Agente Secreto (2025) de Kleber Mendonça Filho tornou-se o principal acontecimento cinematográfico depois de *Ainda estou aqui* (2024) de Walter Salles Jr. Embora ambos tangenciem a temática da ditadura militar e se situem historicamente na década de 1970, concentrando-se nos efeitos do regime nas várias dimensões da vida (política, social, cultural etc.), são filmes muito distintos do ponto de vista de suas realizações cinematográficas e, sobretudo, dos processos mobilizados para a produção de sentidos.

Não é, no entanto, objetivo deste artigo comparar as duas obras, mas investigar, justamente, a problematização do processo de atribuição de sentidos, a partir de uma explicação equivocada do filme *O Agente Secreto* pelo ChatGPT. Trata-se, portanto, de um estudo hermenéutico, que

não incide diretamente na obra, mas sobre como se processam os elementos interpretativos que conduzem à sua significação, principalmente a partir do erro que se pode cometer em inferências que ignoram a narrativa que o filme constrói, substituindo o patente por decalques simbólicos a partir de arquétipos.

Para consecução desse propósito – estudar como o filme instaura uma hermenêutica da suspeita que desafia a estabilização de um sentido unívoco –, partiremos de uma interação com a Inteligência Artificial, mais especificamente com o ChatGPT, da OpenAI; a partir dos resultados dessa interação, propõe-se investigar hermeneuticamente o processo de construção de sentidos. O objetivo não é estudar propriamente o filme em questão, mas tomá-lo como pretexto para investigar a produção de sentidos e como a hermenêutica pode colocá-los em suspeição, ao indagar sobre as motivações que os produzem, bem como as potencialidades dessa hermenêutica da suspeita complementada por uma hermenêutica da afirmação e seus desdobramentos educacionais.

Metodologicamente, o artigo adota uma abordagem hermenêutico-experimental, na qual um evento interpretativo concreto – a interação com um modelo generativo de linguagem – é tomado como disparador da reflexão teórica. Não se trata de uma análise empírica no sentido tradicional, nem de um estudo de recepção do filme, mas de um exercício de interpretação reflexiva que articula experiência, erro, revisão e reconstrução de sentido. O procedimento consiste em observar como sentidos são produzidos, estabilizados e colocados em suspeição, tanto na narrativa cinematográfica quanto na resposta automatizada da inteligência artificial, permitindo explicitar as implicações da hermenêutica da suspeita e da afirmação para os processos educacionais de formação.

O ANEDÓTICO: UMA CONVERSA COM O CHATGPT

Para iniciar o itinerário, quero começar com um erro, produzido pela plataforma de Inteligência Artificial (IA) ChatGPT. Digitei o seguinte comando: “explique o filme, com spoilers, o agente secreto de 2025”. A resposta foi a seguinte¹:

Atenção: a explicação abaixo contém SPOILERS

O Agente Secreto — explicação completa

O Agente Secreto (2025) é um thriller político brasileiro dirigido por Kleber Mendonça Filho, ambientado nos anos finais da ditadura militar. O filme mistura espionagem, paranoia e drama histórico para falar de vigilância do Estado, identidade e culpa.

Enredo geral

A história acompanha Marcelo (Wagner Moura), um homem aparentemente comum que vive no Recife, trabalhando como técnico e levando uma vida discreta. Aos poucos, o filme revela que ele é, na verdade, um agente infiltrado do regime militar, responsável por vigiar, denunciar e facilitar prisões de opositores políticos.

¹ Foi utilizada a versão 5.2 do ChatGPT no dia 20 de janeiro de 2026. A transcrição foi feita mantendo a organização textual do original (parágrafos, negritos, sublinhado e marcadores), com exceção das figurinhas, que foram suprimidas para melhor leitura textual.

Desde o início, o clima é de ameaça constante: câmeras, escutas, vizinhos desconfiados e ruídos fora de quadro criam a sensação de que todos observam todos.

A virada central (spoilers pesados)

No meio do filme, ocorre a principal revelação:

Marcelo não é apenas um observador — ele foi diretamente responsável pela prisão, tortura e morte de antigos companheiros de militância estudantil.

Ele abandonou a resistência após ser capturado anos antes e, sob tortura, aceitou colaborar com o regime. Em troca, ganhou uma nova identidade e a promessa de sobrevivência.

O “agente secreto” do título não é um herói: é um traidor vivendo sob proteção do próprio sistema que o destruiu.

Conflito psicológico

Conforme a ditadura começa a ruir, Marcelo passa a ser visto como um arquivo vivo perigoso:

- Ele sabe demais
- Não é mais totalmente confiável
- Pode se tornar descartável

O regime que ele serviu passa a vigiá-lo.

Marcelo entra em colapso emocional, assombrado por lembranças de quem entregou e pela consciência de que sua vida foi construída sobre mentiras.

Clímax e final explicado

No ato final, Marcelo descobre que será eliminado para queimar arquivos humanos do regime. Ao tentar fugir, ele procura uma mulher cujo companheiro ele denunciou no passado, buscando algum tipo de perdão ou redenção.

Ela o reconhece.
Não o perdoa.

Na sequência final, ambígua e silenciosa, Marcelo é morto (ou capturado para desaparecer) fora de quadro. O filme termina sem catarse, reforçando que:

Não há redenção fácil para quem colaborou com a violência de Estado.

Temas principais

- Cumplicidade civil na ditadura
- Medo como forma de controle
- Identidade construída pela violência
- Memória, culpa e apagamento histórico

O filme evita julgamentos explícitos e aposta no desconforto moral: Marcelo é vítima e algoz.

Significado do título

“O Agente Secreto” não se refere apenas a espionagem, mas a:

- segredos enterrados pelo Estado

- pessoas transformadas em ferramentas
- histórias que o Brasil tentou esconder

Se quiser, posso:

- analisar o final em mais profundidade
- explicar símbolos e metáforas do filme
- comparar com outros filmes sobre a ditadura.

Quem assistiu ao filme ou mesmo leu sua sinopse, percebe de pronto a incoerência da resposta apresentada pela IA. O site oficial de *O Agente Secreto* o apresenta assim: “Brasil, 1977. Fugindo de um passado misterioso, Marcelo, um especialista em tecnologia na casa dos quarenta, volta ao Recife em busca de um pouco de paz, mas percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura.”²

Embora correto, é lacunar, propositadamente lacunar, pois a intenção do filme é não revelar quem é o agente secreto do título. Em busca pela sinopse do filme no google, encontrei:

Em 1977, Marcelo trabalha como professor especializado em tecnologia. Ele decide fugir de seu passado violento e misterioso se mudando de São Paulo para Recife com a intenção de recomeçar sua vida. Marcelo chega na capital pernambucana em plena semana de Carnaval e percebe que atraiu para si todo o caos do qual ele sempre quis fugir. Para piorar a situação, ele começa a ser espionado pelos vizinhos. Inesperadamente, a cidade que ele acreditou que o acolheria ficou longe de ser o seu refúgio.

Trata-se de uma sinopse mais expandida e, embora não integralmente equivocada, está longe de apresentar adequadamente o filme, pois Marcelo não é espionado pelos vizinhos nem “atraiu para si todo o caos do qual ele sempre quis fugir”. O problema aqui reside na necessidade de a sinopse não revelar elementos importantes do filme, pois somos induzidos, como espectadores, a supor que o protagonista é o agente secreto, o que demandará uma reavaliação interpretativa ao longo do filme, à medida em que as expectativas de gênero começam a ser quebradas.

Retornemos, no entanto, ao diálogo estabelecido com o ChatGPT. Após a resposta equivocada, escrevi: “está errado. Armando é professor, não é agente”³, o que suscitou a seguinte reação:

Você tem razão — eu errei feio na resposta anterior. Armando (que também usa o nome Marcelo) é professor/pesquisador universitário, não “agente do regime”.

A seguir vai a explicação com spoilers, agora alinhada com o enredo do filme.

Explicação de *O Agente Secreto* (2025) com spoilers

1) Quem é Armando/Marcelo e por que ele foge

A trama se passa no Recife em 1977, durante a ditadura. O protagonista é Marcelo (Wagner Moura) — um professor universitário especializado em tecnologia — que volta para Recife tentando sumir do radar depois de problemas graves em São Paulo ligados a pesquisa/patente e a um conflito com um empresário poderoso conectado ao regime.

² <https://www.oagentesecreto.com/pt/movie/the-secret-agent-1/film-info#storyline>. Acesso em 20/01/2025.

³ Optei deliberadamente, tanto na primeira quanto na segunda interação, por ser lacônico. Como pesquisador dos modelos de linguagem generativos, sei que *prompts* mais elaborados, que definem com maior precisão seus objetivos, recebem respostas mais adequadas. No caso, quis justamente ser econômico para *ovir* o que a IA tinha a dizer sobre o filme.

Ele adota/usa outra identidade (o filme joga com isso), e a sensação constante é: ele está sendo caçado e também vigiado.

2) A “casa segura” e a rede de apoio

No Recife, Marcelo/Armando se abriga numa casa/refúgio com outras pessoas perseguidas e marginalizadas, sob a proteção de Dona Sebastiana. Há uma rede clandestina de resistência/solidariedade (com figuras como Elza) ajudando com contatos e rotas.

Ao mesmo tempo, ele tenta se aproximar do filho pequeno, que está com a família na cidade.

3) Os perseguidores: pistoleiros e caçada

O empresário manda gente atrás dele: aparecem Bobbi e Augusto, que contratam o pistoleiro Vilmar para localizar e matar Armando. A caçada vai apertando conforme o protagonista circula pela cidade e tenta viabilizar documentos/saída.

4) O clímax da perseguição

Perto do final, a trama explode numa sequência de perseguição/tiroteio ligada ao instituto de identificação (onde Armando tenta resolver documentação). Vilmar falha em matá-lo ali, a violência escala, e Bobbi acaba morto durante essa escalada.

5) O “presente” e o desfecho amargo

O filme também tem uma camada no tempo “atual”: a estudante Flávia pesquisa a rede de resistência (com fitas/áudios e recortes) e descobre que Armando foi assassinado e ainda “enquadrado”/difamado como “professor corrupto”, uma forma de apagar o sentido político da morte. Ela vai ao Recife e entrevista Fernando, o filho já adulto.

Ou seja: o fim é menos “vitória do herói” e mais a ideia de que a ditadura (e seus aliados) não só mata, como também controla a narrativa do que aconteceu.

Então... quem é “o agente secreto” do título?

O filme brinca com a expectativa de que o protagonista seja “um agente”, mas o título é mais irônico/ambíguo: pode apontar para o aparelho de vigilância do Estado e para os mecanismos clandestinos (de repressão e de resistência) que operam nas sombras — e não para “Armando, o espião”.

Se você quiser, eu explico o final cena a cena (inclusive a parte do “presente” com a Flávia e o que ela conclui) e como isso conversa com os símbolos recorrentes do filme.

Após ter apontado o erro da IA, obtive uma resposta adequada, que explicava, inclusive, o título. Transcrevi na íntegra as duas respostas para evidenciar que não houve, nem na primeira nem na segunda resposta, economia textual: respectivamente 2803 caracteres e 2733. O que justificaria o equívoco?

Indaguei, então, sobre o erro da primeira sinopse, recebendo como resposta: “Quando eu respondi pela primeira vez, cometi um erro clássico de modelo narrativo: preencher o vazio com um arquétipo conhecido.” No caso, o arquétipo do infiltrado/colaborador, comum em filmes de espionagem, como sugerido pelo título. O ChatGPT também indica uma associação indevida por conta do diretor (“Kleber Mendonça Filho já trabalhou temas de vigilância e paranoia” e do Wagner Moura, que segundo

a IA, está “fortemente associado (no imaginário coletivo) a: agentes, traidores, figuras ambíguas de poder (Narcos, Tropa de Elite, etc.)”.

Ainda segundo o Chat, isso cria um *atalho cognitivo* que opera pela seguinte fórmula: “personagem silencioso + ditadura + Wagner Moura = agente”. Na sequência, a IA se justifica: “Esse atalho é errado aqui, mas é estatisticamente comum em narrativas parecidas.” Mas o melhor vem na sequência:

Por que o erro é grave neste filme (e não só um detalhe)

Porque O Agente Secreto critica exatamente isso:

- a facilidade com que narrativas oficiais reclassificam pessoas
- como alguém vira “outra coisa” sem ter sido isso
- como versões falsas se estabilizam se ninguém as confronta

Ou seja:

errar dizendo que Armando é agente
repete simbolicamente a violência do filme.

É transformar:

- um professor perseguido em
- alguém que “merecia desconfiança”

Como se estivéssemos numa sessão de psicanálise, o ChatGPT explicita seu padrão de funcionamento e, percebendo a gravidade do *atalho cognitivo*, admite seu erro ao tratar “um filme que combate arquétipos como se ele os utilizasse.” Por fim, como uma espécie de “agradecimento”, sintetiza: “Você fez o que o filme propõe ao espectador: desconfiar da versão pronta; corrigir a narrativa dominante; insistir no detalhe incômodo. Isso é exatamente o gesto político do filme”.

Em outras palavras, a IA admitiu que não está fornecendo informações que coletou ou interpretando um filme, mas atendendo a uma expectativa de resposta (do consultante) a partir de modelos estatísticos e arquétipos. Trata-se de um atalho, de uma economia de tempo e energia, mas também de um teste de interlocução. Se o consultante desconfia, ela prontamente vai em busca das informações que de fato foram solicitadas, num outro nível de cognição, não um atalho pelo arquétipo, mas uma relação fundamentada pelo coletivo. Para a IA, pouco importa a realidade, seu objetivo é produzir sentidos. Ainda que, no nível do tratamento dos dados, consiga separar o imaginário do factual, só o faz a partir de modelos estatísticos, de análises algorítmicas, de uma predição calculada pela identificação de padrões e estimativa de possibilidades.

Assim, tal qual uma pessoa que não viu o filme (e o ChatGPT não sabe ou não pode assistir a filmes), a IA faz inferências a partir de seus preconceitos (conceitos prévios), com os quais foi treinada. Eu posso imaginar o enredo de um filme ao qual não assisti correlacionando o título e o conhecimento prévio do diretor e do elenco. Do mesmo modo, posso também interpretar a realidade preenchendo lacunas sobre o que não presenciei a partir de palavras-chave e associações com conhecimentos prévios.

O que o filme denuncia, portanto, na percepção da IA, é justamente o sistema (ou o modelo) que está por trás do próprio funcionamento da IA. E aqui é preciso acrescentar que este sistema, que este modelo, busca justamente emular o nosso modo de formular textos, o modelo humano de produzir sentido. Por isso a hermenêutica é fundamental para o entendimento da realidade (e dos modelos

generativos de texto produzidos por inteligência artificial). Pela mesma razão a ficção é fundamental para a compreensão da realidade. Um elemento factual na realidade (a ditadura, por exemplo) estará sempre sujeito a interpretações, baseadas em documentos, com a finalidade de reconstituição histórica, ou por meio de personagens e eventos ficcionais; em ambos os casos, o situacional está aberto à produção de interpretações e sentidos distintos e diversos, podendo ser ressignificados ao longo do tempo ou mesmo manipulados com intenções políticas.

Por essa perspectiva, *O Agente Secreto* não é importante porque se propõe a relembrar a ditadura, recompor fatos históricos ou apresentar uma interpretação sobre o que significou enquanto realidade vivida, mas justamente por nos ensinar a desconfiar do modo como os sentidos são produzidos, como a realidade é narrada e significada. Não se trata da defesa de um ceticismo radical, que desconfia de toda e qualquer informação ou fonte documental, mas de um ceticismo que duvida de determinadas narrativas e fontes, como a notícia de jornal que trata o assassinato de Armando, protagonista do filme, como queima de arquivo por ser um professor corrupto, ou seja, uma estratégia de representantes do Estado de se desvincularem do crime por eles cometido.

Retornemos ao ChatGPT. Embora tenha confessado o erro, eu queria investigar o modo como o erro fora fabricado, então o inquiri novamente, questionando se houve alguma consulta à internet. O que eu queria saber é se havia alguma fonte externa (um blog, um site de avaliação, um comentário em uma rede social etc.) que o tenha induzido ao erro. Eis a resposta:

A verdade é: na primeira resposta eu não “li nada” agora e não consultei a internet — eu gerei a sinopse só por inferência, encaixando o filme num molde típico de “thriller de ditadura/espionagem”. Isso produziu uma história errada (Armando como “agente”), e eu ainda respondi com confiança demais. E preciso ser ainda mais claro: aquelas “citações” que eu coloquei antes não eram reais (eu não tinha feito uma busca com ferramenta naquele momento). Isso foi um erro grave de confiabilidade da minha parte. Depois que você me corrigiu, aí sim eu fui checar na web agora: as sinopses e críticas descrevem Marcelo/Armando como professor universitário especializado em tecnologia, perseguido por assassinos de aluguel em São Paulo por causa de conflito ligado a pesquisa/patente/industrial – não como agente.

Seria interessante cogitar sobre o *páthos* que acompanha o texto. Fosse produzido por uma pessoa, poderíamos interpretá-lo como uma confissão de culpa e conjecturar se havia ou não, nas entrelinhas, arrependimento ou constrangimento. Poderíamos também colocar em xeque a intencionalidade da falsa sinopse e supor algum interesse ideológico ou político. Uma estratégia para desacreditar a qualidade do filme? Uma tentativa de mostrar que conhecia o filme, mesmo sem tê-lo assistido?

Questionado sobre o mecanismo hermenêutico que ensejou sua sinopse, o ChatGPT detalha que o erro foi produzido pela associação entre o título, a ditadura e o clima de espionagem, a partir da qual completou a lacuna com o arquétipo “infiltrado/colaborador”, por “excesso de confiança” (o termo é da IA). Assim, mesmo que eu não tenha informado que o filme historicamente se situava na ditadura e continha tema político, o modelo de linguagem se valeu do que chamou de “fundo de conhecimento” a partir de três gatilhos, explicados da seguinte forma:

- a) O título:
O Agente Secreto
No cinema brasileiro, esse tipo de título quase nunca é neutro. Ele costuma:

- ser irônico
 - apontar para vigilância
 - dialogar com repressão estatal
- b) O diretor: Kleber Mendonça Filho
No meu histórico de padrões:
- Kleber trabalha com história brasileira
 - memória, poder, autoritarismo
 - Estado, elite, violência estrutural
- Isso não garante ditadura, mas puxa para política histórica, não para thriller genérico.
- c) O ano de produção (2025) + elenco
Sabendo (prévio, geral) que:
- Wagner Moura está no filme
 - o projeto circulou em festivais como filme político
- isso empurrou a inferência para:
“thriller político brasileiro de época”
Aqui ocorre o erro-chave:
thriller político brasileiro ≠ automaticamente ditadura
mas o modelo tratou como se fosse.

Embora no início da resposta o ChatGPT tenha assumido a primeira pessoa para dizer: “eu errei”, na explicação, transferiu a responsabilidade para o modelo: “o modelo tratou como se fosse”. Há o estabelecimento, ainda que não se possa afirmar proposital (isto é, programado para ser assim), de duas entidades: um eu (o “eu” da IA) que me responde e um modelo que orienta essas respostas.

Na sequência, ainda como justificativa, a síntese: “Esse é um atalho estatístico, não uma dedução lógica”. E uma última observação (que o chat marcou como “talvez a mais importante”): “o próprio filme mostra como narrativas falsas surgem não por mentira deliberada, mas por encaixe automático em moldes prontos. Foi exatamente isso que aconteceu aqui, em miniatura.”

O HERMENÊUTICO: DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS À EXPERIÊNCIA HUMANA

A hermenêutica pode ser compreendida, na atualidade, como “uma filosofia da interpretação que se concentra na condição histórica e linguística da experiência humana de mundo.” (Almeida, 2024, p. 5). Isso significa que o conhecimento ou a compreensão de mundo é dependente de uma experiência interpretativa, isto é, encarnada em uma perspectiva, em um ponto de vista, e não a tradução da totalidade de um fenômeno. A implicação é clara: não existe um conhecimento único, total e verdadeiro de um fato, um filme ou um mundo. O que há são perspectivas. Algumas mais privilegiadas que outras, mas ainda assim, uma perspectiva.

Para compreendermos essa noção de hermenêutica, podemos recorrer ao seu desenvolvimento histórico, concentrando-o em três momentos. Em seu sentido clássico, a hermenêutica designava uma arte auxiliar de interpretação de textos, voltada sobretudo aos escritos religiosos, jurídicos e canônicos. Nessa acepção, sua função era normativa e instrumental: esclarecer ambiguidades, fixar sentidos corretos e garantir a adequação entre palavra e verdade. A interpretação era entendida como meio para alcançar um significado já dado, considerado estável e verdadeiro, e não como um processo constitutivo da compreensão humana (Grondin, 2006).

A partir do século XIX, com as contribuições de Friedrich Schleiermacher e Wilhelm Dilthey, a hermenêutica amplia seu escopo e assume um estatuto filosófico. Schleiermacher desloca a questão do “como interpretar” para o “o que significa compreender”, associando a hermenêutica à arte do

pensamento e à condição humana de compreensão. Dilthey, por sua vez, fundamenta metodologicamente as ciências humanas, propondo a hermenêutica como base para os saberes da compreensão (*Verstehen*), em contraste com o modelo explicativo das ciências naturais. Nesse momento, a hermenêutica deixa de ser apenas técnica textual e passa a estruturar o conhecimento histórico, cultural e educativo (Grondin, 2006).

No século XX, ocorre uma virada decisiva: a hermenêutica se transforma em filosofia universal da interpretação. Com Heidegger, a interpretação desloca-se do texto para a existência, tornando-se um traço ontológico do ser-no-mundo. Gadamer aprofunda essa perspectiva ao compreender a verdade como algo que emerge da participação histórica e linguística do sujeito, e não da aplicação de métodos objetivos. Ricoeur, por sua vez, propõe uma mediação entre distanciamento e pertencimento, entendendo a interpretação como compreensão de si por meio do outro e das obras da cultura. Assim, a hermenêutica passa a ser concebida como experiência, diálogo e tradução de sentidos, inseparável da formação humana (Grondin, 2006; Almeida, 2024).

Nesse horizonte ampliado, a educação deixa de ser concebida como mera transmissão de conteúdos e passa a ser entendida como processo formativo de longa duração, marcado por aprendizagens e desaprendizagens. A hermenêutica fornece, então, um fundamento para pensar a formação pela experiência, pela pluralidade de interpretações e pela criação de sentidos, em oposição à busca de verdades únicas e definitivas. Interpretar, nesse contexto, é aprender a ler o mundo, a si mesmo e aos outros, assumindo a historicidade, a linguagem e a contingência como condições constitutivas da educação contemporânea.

Desse modo, há uma virada na própria compreensão do que é o conhecimento. Ele deixa de ser enciclopédico e universal para situar-se como perspectiva: “o mundo é cognoscível: mas ele é *interpretável* de outro modo, ele não tem nenhum sentido subjacente, porém inúmeros sentidos, ‘perspectivismo’” (Nietzsche, 2002, p. 165). Em outro aforismo, Nietzsche (1998, p. 109) afirma: “existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo”. É desse modo que podemos compreender, então, sua célebre afirmação: “não há fatos, somente interpretações” (Nietzsche, 2002, p. 164), pela qual o filósofo não nega efetivamente a existência de fatos, mas a pretensão de que exista uma interpretação única (e, portanto, verdadeira) de um fato. Efetivamente, na relação humana com o mundo, não há ausência de sentido, mas “uma multiplicidade de sentidos e funções, interesses e figuras, forças e resistências, sucessivas camadas de interpretações” (Giacoina Jr., 2014, p. 25).

Essa compreensão da hermenêutica não defende o relativismo, pelo qual todas as perspectivas seriam igualmente válidas, mas observa que as interpretações estão no campo de jogo. Não se trata igualmente de reduzir o fenômeno a uma disputa ou guerra de narrativas ou mesmo situá-lo como resultado das relações de poder. Trata-se de regimes distintos de compreensão, de uma perspectivação que não é meramente lógica e calculada, fruto de empenho racional, mas que se constrói no campo, em diálogo, em disputa, por meio de repetições, de resistências, de diluições e derivações.

Dito de outro modo, e para voltarmos ao filme *O Agente Secreto*, não se trata de encontrar a interpretação *verdadeira* ou o entendimento *correto* do filme, mas de lançar perspectivas que contribuam para compreendê-lo em suas múltiplas camadas: como narrativa que evoca gêneros e estilos cinematográficos, como lente política que amplia determinados aspectos dos efeitos do regime militar no Brasil, como resgate nostálgico de modos de vida que se diluíram com as transformações tecnológicas (as fitas cassetes, o telegrama, o orelhão...), como estudo de como a atualidade lida com a memória, como

psicanálise dos traumas que seguem sem reparação, como resistência aos ataques à democracia e ao crescimento de discursos autoritários, e também como uma hermenêutica da suspeita, interessada em desconstruir certos lugares comuns, certos clichês e estereótipos ou, como escreveu o ChatGPT, “arquetipos”.

Em *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*, Paul Ricoeur (1977) situou um deslocamento hermenêutico operado por Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud: não mais a dúvida sobre a coisa, que para Descartes se superaria com a consciência, mas a dúvida sobre a própria consciência. Depois dos três, “a compreensão se torna uma hermenêutica: doravante, procurar o sentido, não significa mais soletrar a consciência do sentido, mas *decifrar suas expressões*” (Ricoeur, 1977, p. 37-38, grifo no original).

Por meio desse deslocamento, a suspeita torna-se um elemento necessário do processo interpretativo, não como a expressão de um ceticismo generalizado, mas como a “suspensão da crença” (Almeida, 2023), como passagem para uma hermenêutica que não se satisfaz com o discurso, mas requer a experiência, isto é, uma construção de sentido a partir do vivido em confronto com perspectivas outras postas em jogo.

Tal como formulada por Paul Ricoeur (1977), a hermenêutica da suspeita designa um modo de interpretação que recusa o sentido imediato e consciente dos discursos, buscando neles funções de dissimulação, recalque ou legitimação. Contudo, em Ricoeur, essa hermenêutica só se completa quando integrada a uma dialética da restauração do sentido, evitando que a crítica se converta em redução total do simbólico à ilusão.

Desse modo, do ponto de vista operacional, trata-se de uma hermenêutica que suspende o sentido manifesto, que duvida do discurso, que questiona o modo como se diz o que é dito, que sonda desejos e interesses, que indaga pelo conflito e o modo como é ocultado. É o que, em Freud, aparece como recalque, em Marx como ideologia e em Nietzsche como ressentimento. Assim, coloca-se em dúvida o modo como o discurso constrói sentidos, tendo em vista que o sentido realiza uma função, que pode ser de defesa, legitimação ou compensação simbólica (Ricoeur, 1977).

No entanto, Ricoeur não esgota o processo interpretativo na denúncia, dando um passo seguinte rumo à reconstrução do sentido, o reconhecimento da dimensão criadora da linguagem. Não se denega sua gênese conflitiva, contudo se reconhece no símbolo uma potência semântica excedente. O sentido reconstruído não é regressivo, mas prospectivo: ele expressa possibilidades de mundo e de subjetivação que a linguagem inaugura para além de suas condições de produção. Isso significa que o símbolo não apenas dissimula, ele faz pensar, dá o que pensar; portanto, possibilita a produção de uma inteligibilidade nova, dependente da imaginação, da narrativa, da metáfora, enfim, da poética.

Em síntese, a hermenêutica da suspeita instaura, de um lado, um processo interpretativo que requer uma arqueologia do sentido (recondução do sentido a algo mais originário) e, de outro, sua reconstrução ou reconfiguração. Em certo sentido, essa arqueologia ressoa a genealogia nietzschiana, na medida em que ambas operam uma crítica regressiva do sentido manifesto e denunciam a ilusão da consciência transparente. Contudo, diferentemente da genealogia, orientada para a desvalorização e a transvalorização dos valores, a arqueologia ricoeuriana permanece inscrita numa problemática semântica, abrindo-se a uma teleologia do sentido que permite sua reconstrução simbólica. Em linhas gerais, enquanto Nietzsche dissolve o sentido em expressão de forças, concentrando-se no valor e na

possibilidade de transvaloração, Ricoeur mantém o problema no sentido no plano semântico, em busca de uma reconfiguração do sentido.

Ora, como operar essa hermenêutica da suspeita no caso do texto apresentado pelo ChatGPT? Se essa hermenêutica duvida da consciência, por ocultar o desejo, a ideologia e o ressentimento, produzindo sentidos ilusórios que mascaram intencionalidades, conflitos internos ou mesmo uma incapacidade de lidar com fatos concretos da realidade, como investigar o que se oculta na produção textual da Inteligência Artificial?

O filósofo formado na escola de Descartes sabe que as coisas são duvidosas, que não são tais como aparecem. Mas não duvida de que a consciência não seja tal como ela aparece a si mesma: nela, sentido e consciência do sentido coincidem. Depois de Marx, Nietzsche e Freud, duvidamos disso. Após a dúvida sobre a coisa, ingressamos na dúvida sobre a consciência. [...] Se a consciência não é tal como acredita ser, deve ser instaurada uma nova relação entre o patente e o latente. Essa nova relação corresponderia à que a consciência instituíra entre a aparência e a realidade da coisa. Para os três, a categoria fundamental da consciência é a relação oculto-mostrado ou, se preferirmos, simulado-manifestado (Ricoeur, 1977, p. 37-38)

Podemos, no caso da IA, investigar o vácuo entre o simulado e o manifestado? Não seria o que se manifesta (seu texto) exatamente uma simulação? O que estaria latente em seu texto patente? E mais: poderíamos duvidar de sua consciência quando sabemos que ela não a tem?

Por mais que sua linguagem simule um *páthos* e até mesmo uma subjetividade, não podemos admitir que ela se constranja, se sinta culpada, tenha remorsos ou mesmo sofra. Eu sei que, se usar determinadas palavras e expressões a uma pessoa que me dedica afeto, vou magoá-la e essa mágoa afetará nossa relação. Por mais que admitamos que os sentimentos sejam construídos em interações sociais e, portanto, dependentes da cultura e da produção de valores e sentidos, não podemos negligenciar o dado biológico da dor, do desejo e das emoções. O mesmo não acontece com um modelo generativo de linguagem.

Dessa forma, se não há uma consciência produtora de sentidos, implicada em um complexo de situações que a leva a se proteger por meio da ilusão, como interpretar os textos produzidos pelo ChatGPT? Não podemos dizer que não fazem sentido, eles fazem. Não podemos reduzi-los a uma mera simulação a partir dos dados coletados em determinadas fontes, pois se questionado ele revê as fontes, busca outras, relaciona-as entre si, podendo manter uma interpretação ou negá-la. Embora os Chats sejam programados para agradar o interlocutor, “entregar o que ele está pedindo”, não admite a veracidade de teorias falsas, por exemplo, nem concorda com tudo o que é dito pelo interlocutor. Também não são redutíveis à lógica, uma vez que nem todas suas produções textuais são propriamente lógicas. Podem ser criativos, inventivos, ainda que careçam de modelos nos quais se basear, como ficou demonstrado pela sinopse inventada do filme em questão. Ainda assim, não podemos admitir que sejam conscientes, embora se cogite sobre a possibilidade vindoura de modelos que, de certa forma, simulem uma consciência mais próxima à nossa.

Por outro lado, podemos questionar, a partir do que estamos aprendendo por meio das interações com as mais diversas IAs, se o que chamamos de consciência, imaginação, criatividade, interioridade e subjetividade, marcas do que seria *a priori* um privilégio do animal humano, não é também efeito de uma simulação de nosso cérebro, na qual acreditamos justamente para nos diferenciar das outras

espécies de vida e que, atualmente, também serve de parâmetro para nos diferenciar das máquinas produtoras de textos, imagens e vídeos.

De todo modo, essa não é uma questão possível – ao menos atualmente – de ser respondida para além da especulação. O que podemos afirmar, pelo que foi exposto, é que os modelos generativos de linguagem produzem textos semelhantes aos produzidos por humanos, os quais podem e devem ser interpretados, ainda que com algumas particularidades.

A principal delas é que, nestes casos, embora a hermenêutica da suspeita seja não apenas possível como necessária, se realize um deslocamento da questão da consciência para a dos algoritmos. Em vez de indagar sobre o desejo, a ideologia, o ressentimento, ocultados pela consciência, investigar quais são as fontes com as quais as IAs estão sendo treinadas, reconhecer os apagamentos, as ocultações, os vícios algorítmicos. Entender os vieses e as influências. Assim como a criatividade de um escritor é, em certa medida, devedora da biblioteca que leu e estudou, as possibilidades de formulação das máquinas também se reduzem às bases que a alimentaram. No entanto, a intencionalidade de um escritor reside no oculto-mostrado de sua consciência, enquanto a formulação artificial depende do *prompt* de um interlocutor humano, com todas as implicações que podem decorrer dessa interação, como procurei demonstrar quando disparei um *prompt* simplório para investigar como o ChatGPT explicaria *O Agente Secreto*.

Outro ponto importante é suspender a crença no sentido manifesto pelo gerador de texto. Em vez de utilizá-lo como um oráculo, de aceitar sua resposta como a revelação de uma verdade, colocar em dúvida suas afirmações (como o próprio ChatGPT reconheceu, responde com “excesso de confiança”), indagar sobre o que o motivou a responder daquela forma, inquirir se não há interpretações diferentes. Prolongar a interação inicial é um modo não só de analisá-lo, mas também de enxergar com maior clareza as próprias motivações para formular especificamente aquele(s) *prompt(s)* e não outros.

Por fim, compreender que o sentido produzido pela IA não é um sentido que emana da experiência humana, portanto, não carrega o peso do vivido, não está atravessado de dores, angústias e prazeres, não expressa uma *verdade*, a verdade de quem, por ter vivido a experiência, crê nela e, por crer, a reinveste de valor, um valor que não é intrínseco ao sentido, mas produzido *com* ele, *por* ele e *apesar* dele. Como ficou demonstrado na interação com o ChatGPT, a IA muito rapidamente substituiu sua primeira explicação por outra. Também não hesitou em reconhecer o erro e explicitar o mecanismo que a levou ao equívoco. A IA simula textos (e sentidos) e, por mais que possa cotejar significados, relacioná-los com outros e estabelecer processos lógicos, vindo eventualmente a modificar suas formulações iniciais, ela não crê no sentido do texto que produz. Ela verifica. O processo de produção da crença no humano é de outra natureza. Creemos não porque seja verdade, mas justamente porque não podemos saber se é verdade.

A explicação de um fenômeno requer a cientificidade do método que possibilitou a construção de um saber objetivo. Já o sentido de um texto, de um evento, de uma dada realidade, por mais objetivo que possa ser – e é fundamental que haja objetividade na interpretação –, não se reduz ao saber puramente objetivo, lógico, racional, uma vez que carrega consigo uma carga simbólica, emocional, existencial, que emana do interpretante, do hermenêuta, de quem vive a experiência. É um saber de outra natureza, que não se (re)produz por meio de modelos generativos, mas depende do longo processo de formação humana.

UMA HERMENÊUTICA DA AFIRMAÇÃO: A EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO HUMANA

A hermenêutica da suspeita, aqui mobilizada, coloca em jogo não apenas uma intencionalidade ou as artimanhas das recorrências, mas busca compreender o modo como certas conexões estão sendo feitas na formulação de sentidos, de interpretações e, numa dimensão alastrada, até mesmo das teorias.

Nesse âmbito, a anedota sobre a explicação esdrúxula do ChatGPT sobre o filme e sua posterior justificativa do erro é pedagógica e, ao meu ver, indica que, mais importante que uma opinião, uma interpretação ou mesmo um dado conhecimento, é a experiência que acompanha essa opinião, interpretação e conhecimento. Trata-se do que poderíamos compreender como uma hermenêutica da afirmação, no sentido nietzschiano do termo, que reconhece que todo saber circunscreve-se a uma perspectiva e que essa perspectiva depende do acúmulo de experiências, de uma trajetória ou, do ponto de vista educacional, de uma formação.

Podemos melhor esquematizar essa distinção recorrendo ao modo como a tradição grega distinguia o saber oriundo da *máthema* e do *pátbei máthos*. A *máthema* está associada ao conhecimento lógico-racional, objetivo, instrucional enquanto o *pátbei máthos* se vincula ao saber que advém da experiência vivida, dos afetos, da dor e das emoções. A primeira forma de saber refere-se a um aprendizado transmissível, verificável e imediatamente aplicável; a segunda designa um saber que não se ensina diretamente, pois só se constitui na vivência, no tempo e na interiorização do sentido dos acontecimentos.

Pátbei máthos evidencia que certos aprendizados se impõem ao sujeito sem serem deliberadamente buscados. Trata-se de um saber que emerge da experiência e que só pode ser reconhecido retrospectivamente, como vestígio formativo, e não no momento mesmo em que a experiência ocorre. Diferentemente da lógica explicativa da *máthema*, que responde ao “por quê”, ao “como”, o *pátbei máthos* busca o sentido do que foi vivido, operando numa temporalidade lenta e não linear (Almeida, 2024, p. 2-5). Portanto, depende do valor da experiência e do valor do sentido.

No dizer de Jorge Larrosa (2014, p. 31-24), a ciência moderna converteu a experiência em experimento e privilegiou a acumulação de informações em detrimento da formação. Assim, o predomínio da *máthema* tende a empobrecer os processos formativos, ao reduzir o aprender à assimilação de conteúdos e à repetição de procedimentos. Em contrapartida, o *pátbei máthos* recoloca a educação no horizonte da vida, do devir e do cuidado de si, entendendo a formação como um processo contínuo de tornar-se o que se é (Nietzsche, 1995, p. 48).

Desse modo – e é isso que interessa à hermenêutica da afirmação –, os processos formativos, que influenciam diretamente no modo como interpretamos eventos, fatos e obras, não se dão apenas pelo acúmulo de saberes, mas também por movimentos de desaprendizagem, suspensão de crenças, revisão e deslocamento de perspectivas. O *pátbei máthos* permite compreender essas transformações como efeitos da interpretação da experiência, e não como falhas ou desvios do percurso educativo. Assim, longe de se oporem, *máthema* e *pátbei máthos* devem ser pensados como dimensões entrelaçadas da formação, cuja articulação é condição para uma educação que reconheça tanto a objetividade do conhecimento quanto a densidade existencial da experiência humana (Almeida, 2024, p. 5). Por isso, não se trata de recusar o uso da Inteligência Artificial, mas de submetê-lo ao crivo da *máthema* e do *pátbei máthos*, reconhecendo onde pode e onde não pode contribuir.

No caso do filme em questão, como espectador, mobilizo não somente conhecimentos escolares sobre o período retratado, saberes adquiridos ao longo de anos de leitura, uma certa visão sedimentada pelas reiterações de fatos e acontecimentos do período, além de outros tantos dados factuais que são mobilizados no processo de compreensão do filme, como também aciono memórias pessoais, lembranças do período, além de outros interesses advindos da minha trajetória de pesquisador e professor. O mais importante, no entanto, é a minha experiência com o filme e o modo como repercute em minha experiência com o mundo. Interessam-me os recursos imagéticos que compõem a atmosfera do filme, interessa-me o modo fragmentado pelo qual a narrativa é construída, as aproximações, distanciamentos e mistura de gêneros cinematográficos, mas, sobretudo, a passagem de uma hermenêutica da suspeita, pela qual indago sobre o sentido do filme, para uma hermenêutica da afirmação, pela qual doto de valor a experiência propiciada pelo filme e o(s) sentido(s) que construo a partir dessa experiência. O senso comum diz “gostei”, “não gostei”. Do ponto de vista hermenêutico, trata-se de avançar um passo e perguntar sobre o valor desse *gosto*; saltar da experiência para a afirmação do valor da experiência, que é o mesmo que afirmar a vida e o vivido. Trata-se, em termos nietzschianos, do *amor fati*:

A minha fórmula para a grandeza do homem é *amor fati*: nada pretender ter de diferente, nada para frente, nada para trás, nada por toda a eternidade. O necessário não é apenas para se suportar, menos ainda para se ocultar – todo o idealismo é mentira perante o necessário –, mas para o *amar...* (Nietzsche, 1995, p. 51).

Essa afirmação incondicional da vida, como proposta por Nietzsche, implica a renúncia aos valores transcendentais e a denúncia da moral como produto do ressentimento, o que requer o abandono das concepções metafísicas (a verdadeira realidade está em outro lugar) e o reconhecimento da impossibilidade de estabilização do sentido (e, conseqüentemente, da verdade), uma vez que o processo de interpretação envolve um jogo de forças. Portanto, a afirmação da vida não exige a assunção de determinado sentido. A verdade não está no sentido da vida, mas no processo de interpretação que a reconhece como o valor supremo.

Aqui reside a principal diferença entre a hermenêutica da suspeita, como concebida por Paul Ricoeur, e a afirmação trágica de Nietzsche. Para o primeiro a afirmação da vida condiciona-se à reconstrução do sentido por meio da mediação simbólica, após a superação da ilusão conquistada pela suspeita. Para o segundo, o valor supera o sentido, não exigindo qualquer outro significado ou mediação para a afirmação da vida, que, portanto, é incondicional. De maneira sintética, tanto a hermenêutica da suspeita quanto a da afirmação recusam o sentido imediato e desconstruem a ilusão da consciência transparente. Contudo, enquanto Nietzsche conduz a suspeita a uma afirmação trágica da vida que dispensa a reconstrução do sentido, Ricoeur reinscreve a suspeita numa dialética hermenêutica em que a afirmação passa pela refiguração simbólica do sentido, preservando a mediação da linguagem e da narrativa.

Em ambas as concepções, preserva-se o valor da experiência humana no processo hermenêutico de compreensão de si, do mundo e do outro, bem como se demanda um processo de formação que envolva o *páthei máthos* e mobilize uma pedagogia da escolha (Almeida, 2023), concebida como um horizonte formativo que se afasta de modelos pedagógicos prescritivos ou normativos e se orienta pela afirmação da experiência vivida. Tal perspectiva educativa não se organiza em torno da transmissão de conteúdos ou da condução moral do sujeito, mas da criação de condições para que ele

possa afirmar as próprias escolhas e os sentidos que atribui à sua existência, como expresso pelo termo *amor fati*.

Nesse enquadramento, a educação é compreendida menos como um processo de instrução e mais como uma experiência formativa de longo prazo e de inclinação estética e hermenêutica. Trata-se de um modo de formação que não busca estabilizar sentidos e verdades, oferecer respostas definitivas ou conduzir o educando a um ideal previamente determinado, mas propiciar encontros e repertórios que desloquem certezas, ampliem a sensibilidade e provoquem a reflexão sobre a experiência de estar no mundo. Por isso, um filme como *O Agente Secreto* revela-se tão relevante para esse processo de suspeição do qual tratamos. Ele contribui tanto para a desestabilização de sentidos historicamente sedimentados quanto para a percepção de que certos processos permanecem ou retornam na contemporaneidade, possibilitando a construção de novos sentidos para a experiência de estar no mundo hoje, principalmente para os jovens que não viveram o período abordado pela obra.

Não há, tanto no filme quanto na concepção da pedagogia da escolha, a tutela de valores transcendentais nem as promessas de redenção futura, mas um convite à afirmação da vida tal como ela se apresenta, com seus limites, contingências e ambiguidades. A formação, assim entendida, ocorre na relação do educando com as experiências que o interpelam, exigindo interpretação, tomada de posição e adesão existencial; é uma concepção que dialoga em profundidade com uma tradição hermenêutica que recusa perspectivas teleológicas e redentoras da formação humana, valorizando, ao contrário, a experiência, a imanência e a singularidade dos percursos formativos. Nesse sentido, a educação é pensada como um processo de longa duração, marcado por itinerários não lineares, nos quais o aprendizado se dá pela exposição ao mundo e pela interpretação contínua da própria experiência, o que requer uma hermenêutica da suspeita, na mesma medida em que enseja uma hermenêutica da afirmação.

Observação: Interações com modelo de linguagem (ChatGPT/OpenAI) foram utilizadas como objeto de análise, com transcrições no corpo do texto; a redação e responsabilidade intelectual são do autor.

REFERÊNCIAS

AGENTE Secreto, O. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: CinemaScópio, MK, ONE TWO. Brasil, França, Holanda, Alemanha, 2025.

AINDA estou aqui. Direção: Walter Salles. Produção: VideoFilmes, RT Features, MACT. Brasil, França, 2024.

ALMEIDA, Rogério de. Filosofia trágica e pedagogia da escolha: imaginários cinematográficos sobre a afirmação da vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e254031, 2023. Acesso: 20 jan. 2026. Epub 28-Mar-2023. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202349254031>.

ALMEIDA, Rogério de. Hermenêutica e processos formativos: Elementos para uma pedagogia da escolha. **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. e24038, 2024. Acesso: 29 jan. 2026. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.28060>.

GIACCOIA JR., Oswaldo. **Nietzsche**: o humano como memória e como promessa. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRONDIN, Jean. **L'Herméneutique**. (8.^a Ed.). Paris: PUF, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos finais**. Brasília/ São Paulo: Editora Universidade de Brasília, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

RICOEUR, Paul. **Da Interpretação**: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados de pesquisa estão contidos no próprio manuscrito

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.